

AS LEITURAS DE *O AMANUENSE BELMIRO*:  
DA CRÍTICA JORNALÍSTICA À CRÍTICA UNIVERSITÁRIA

Ana Paula Franco Nobile BRANDILEONE

**Resumo:** O presente ensaio tem por objetivo percorrer algumas leituras que a crítica literária exercida nos jornais tem realizado de *O amanuense Belmiro*, a partir de 1937, assim como apresentar a recepção crítica desse romance de estréia de Cyro dos Anjos, no meio universitário.

**Palavras-chave:** Cyro dos Anjos; *O amanuense Belmiro*; crítica literária.

THE READING OF *O AMANUENSE BELMIRO*:  
FROM DE JOURNALISTIC REVIEW TO THE ACADEMICAL REVIEW

**Abstract:** The present essay has the objective to go through some readings that the literary critic exercised in the newspaper has carried out of *O amanuense Belmiro* from 1937 on, as well to present the critical reception of this premiere romance of Cyro dos Anjos in the academical environment.

**Key-words:** Cyro dos Anjos; *O amanuense Belmiro*; literary critic.

Este estudo faz parte de um projeto maior de pesquisa, que tem por objetivo investigar a recepção crítica de *O amanuense Belmiro*, romance de estréia de Cyro dos Anjos, publicado em 1937. Inicialmente, interessou-me recuperar a memória do lançamento e o que se constatou no “calor da hora”. Por isso, foram analisados os artigos publicados junto à imprensa nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1937<sup>1</sup>. A escolha do *corpus* foi determinada em função de *O amanuense* ter sido dado à publicidade no dia 14 de outubro de 1937<sup>2</sup>. Posteriormente, a pesquisa ganhou uma dimensão ainda maior, propondo-se percorrer não somente as leituras realizadas pelas críticas de rodapé como também os trabalhos realizados nas universidades brasileiras, no período de 1938 a 2001<sup>3</sup>. São alguns passos dessa crítica literária universitária o que eu me proponho apresentar.

Dentre os diversos caminhos perfilhados pelos críticos universitários, a relação entre a estrutura romanesca e o meio social foi a abordagem preferida para analisar *O amanuense Belmiro* - das 17 pesquisas, 6 escolheram este enfoque. A justificativa para esse interesse está vinculada a algumas leituras que se fizeram do romance, logo após o seu aparecimento e que se estenderam por praticamente seis décadas.

Antes, porém, de iniciar a abordagem que se propõe, é significativo inserir o romance no contexto da década de 30.

Num momento em que a ficção brasileira firmava compromisso com o “mundo” brasileiro – a paisagem, os problemas, os tipos sociais, os costumes, o povo – auscultando-o em missão de testemunho ou documento, a publicação de *O amanuense Belmiro* ecoou como uma voz dissonante.

Quando se achava que cismas, reflexões, quadros da vida interior já não faziam mais parte da ordem do dia, o romance evidenciou que obras com o seu feito, voltado todo para “dentro”, para o homem e seus problemas, poderiam chamar atenção naquele momento de domínio quase que exclusivo da literatura de cunho social. Apreendido como coisa nova dentro de um panorama literário impregnado pelos mesmos temas, pelas mesmas preocupações, o livro de Cyro dos Anjos trouxe à tona a percepção de que os romances sociais já não causavam o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos. Prova disso é que a segunda edição<sup>4</sup> saiu apenas dez meses depois da primeira, numa tiragem mais numerosa, sob a chancela da Editora José Olympio. A publicação de *Vidas Secas*, apesar de bem acolhida pela crítica, também corrobora um certo cansaço da literatura regionalista-social. Os mil exemplares da primeira edição de *Vidas Secas* demoraram dez anos para se esgotar.

O fato é que o romance de estréia de Cyro dos Anjos funcionou como um corte crítico na estética naturalista de 30. Por quebrar um esquema, tornou-se renovação.

Além de se distanciar das práticas literárias correntes no contexto da década de 30 – o romance de denúncia, o ensaio histórico-sociológico, a poesia militante -, *O amanuense Belmiro* também chamou atenção pela sua linguagem correta e elegante, num momento de forte propensão à reformulações no código estético. É certo, entretanto, que este estilo bem comportado, purista, disciplinado, clássico até, longe da utilização de um instrumental rebelde de expressão, foi um dos pontos elogiados pela crítica literária de todos os tempos.

A temática de cunho psicológico somado à sua prosa sóbria e elegante, tão “escandalosamente asseado” (na expressão de um crítico da época), fez com que *O amanuense Belmiro* fosse então entendido como repositório da mais pura tradição da novelística brasileira, e seu autor vinculado aos modelos da tradição. Daí a filiação a Machado de Assis, nota dominante na recepção crítica de 1937 e, de longe, a vertente mais vigorosa pós-1937, ainda que este parentesco seja visto com reservas por parte da crítica literária exercida nos jornais. A mesma propensão pelo mundo interior ao invés do exterior, a primazia conferida ao espírito e não ao ambiente e o tratamento da psicologia das personagens, além do domínio da língua, foram características que fizeram com que de pronto os críticos aproximassem os escritores.

A mesma tendência para a introspecção foi a justificativa de que se valeram os críticos jornalísticos, em 1937 e pós-1937, para evidenciar as divergências entre o modelo literário de *O amanuense Belmiro* da maioria dos romances de 30. Além do estilo limpo, harmonioso,

disciplinado de Cyro dos Anjos, ao contrário dos “outros moços”, seus contemporâneos, que “escrevem deliberadamente mal”<sup>5</sup>, outro dado diferenciador refere-se ao aspecto temático, o qual traz à tona a universalidade de *O amanuense Belmiro*. Segundo a crítica literária jornalística, o romance do escritor mineiro teria como preocupação básica o elemento homem e seus mistérios, enquanto os romances sociais colocariam em relevância o domínio da terra, do meio físico ou social sobre o homem. No bojo dessa questão, inscreve-se ainda o mergulho na objetividade documental, experimentado pelos romances sociais de 30, e o mergulho de grande intensidade interior de *O amanuense*.

De forma antagônica então à novelística de 30, *O amanuense Belmiro* se ligaria ao romance psicológico, com uma problemática voltada para a vida interior, para os sentimentos e para os problemas individuais; enquanto do outro lado se teria um romance de cunho popular e social, com uma problemática ligada ao país, aos seus problemas e às causas do povo.

A pecha de machadiano somada a essa polarização literária e ideológica rígida que caracterizou a década de 30, que reforçou e cristalizou a classificação de “intimista” para o romance de Cyro dos Anjos, é que o confinou, por décadas a fio, a uma só ordem de questionamento.

Muito embora tenha sido com os trabalhos acadêmicos que o fator social foi encarado como elemento atuante na construção do significado de *O amanuense Belmiro*, não se pode esquecer que, já na década de 40, alguns críticos de rodapé viam como equivocado o caráter puramente intimista do romance. Para alguns deles, como João Etienne Filho, em artigo publicado em 27 de outubro de 1945, o testemunho da realidade social brasileira não se restringiu aos romances de José Lins do Rego ou Jorge Amado; também em Cyro dos Anjos está presente a tendência crítica do momento. Sob a capa de um livro que “narra as desventuras de um pobre amanuense, cheio de dramas, às voltas com literatos, amando a um mito, vivendo entre duas irmãs esquisitíssimas, escrevendo seu diário lírico”, Cyro dos Anjos esconde o retrato de um aspecto da vida nacional: o pequeno mundo burguês.

De fato nada mais aparentemente inócuo. Passando o tempo, porém, voltemos ao amanuense. Como resiste bem a estes nove anos de vida. Como encontramos ali uma sociedade, um clima. Como a “situação” histórica está fixada por processos sutis da arte. Em toda uma classe miseravelmente desamparada que é fixada em Belmiro. É todo um mundo pequeno-burguês que se move ao seu redor. O que há apenas é o seguinte: o livro não quis ser documental, não foi feito com a intervenção de servir para arte social, no mau sentido em que tomamos essa expressão. Como toda a grande obra, aliás, que quase nunca é feita com o caráter específico de documento, de prova, de testemunho, mas que, justamente por isto, fica com melhor documento, a melhor prova, o melhor testemunho<sup>6</sup>.

Também para Wilson Castelo Branco, em artigo publicado em *O Diário*, em fevereiro de 1943<sup>7</sup>, e Haroldo Bruno, na *Revista Branca*, em 1948<sup>8</sup>, *O amanuense Belmiro* nada tem de gratuito. As ideologias e os partidos que permeiam o grupo de Belmiro são uma amostra da tremenda inquietação vivida pelo Brasil em 1935. Como bem disse Haroldo Bruno, “[...] o primeiro romance do sr. Ciro dos Anjos espelha a realidade exterior nas contradições que a alimentam, e terá, deste modo, um sentido de participação no nosso tempo”. Ainda para Aires da Mata Machado Filho, em artigo publicado no suplemento de *Minas Gerais*, em 17 de dezembro de 1966, *O amanuense Belmiro* era a seu modo também social<sup>9</sup>.

Inovadoras também foram as considerações de Wilson Accioli<sup>10</sup>, num artigo publicado em 1940, que pôs em xeque a tendência da novelística de 30 apresentar-se em dois pólos, de um lado romance social, de outro, romance intimista. Para ele, as duas vertentes conciliam-se. Seguindo o rastro de Accioli, também João Etienne Filho, em 1957<sup>11</sup>, e Ronaldo Fernandes, em 1982<sup>12</sup>, ressaltaram os pontos de contato entre *O amanuense Belmiro* e os romances de 30.

Com o distanciamento do “calor da hora”, os críticos puderam então compreender que as direções não são estanques e tendem a confundir-se, aliando-se uma a outra, a análise psicológica ao enquadramento social. E, mais que isso, constatar que Cyro dos Anjos, ao optar pelo método introspectivo, não abriu mão do questionamento social; enfim, não se “belmirizou”, para usar uma expressão de Antonio Candido<sup>13</sup>.

Em “Crítica e Sociologia”, Antonio Candido (2000)<sup>14</sup>, ao tratar da conexão entre o texto literário e os processos sociais – ideológicos, históricos, culturais, econômicos -, chama atenção para certos exageros que condicionaram o estudo da obra literária, ora apreendida a partir de fatores exclusivamente extratextuais, ora entendida como composição verbal dotada de propriedades específicas. Enquanto, no século XIX, o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não aspectos da realidade brasileira, deixando, portanto, de dar atenção para o seu aspecto estrutural e funcional, nas primeiras décadas do século XX, chegou-se à posição oposta, uma vez que a obra foi tomada como um todo que se explicava a si mesmo, e cujas dimensões sociais estavam em segundo plano, inoperantes como elemento de compreensão.

Embora ambos os enfoques dissociados não dêem conta de tratar a integridade da obra literária, os primeiros estudos sociológicos em torno de *O amanuense Belmiro* estiveram voltados apenas em estabelecer correlações entre as condições sociais e as que aparecem no livro. Movidos em dar ao romance de estréia de Cyro dos Anjos uma outra interpretação que não aquela que ora privilegiou o mundo da interioridade, ora chamou a atenção para o biografismo, ora para o memorialismo ou então para a psicologia dos heróis, esses estudos deram um tratamento externo aos fatores externos do livro.

O primeiro trabalho que tratou dessa relação entre texto e contexto foi o de Dulce Maria Viana Póvoa, em dissertação de mestrado realizada na Pontifícia Universidade Católica, no Rio de Janeiro, em 1983<sup>15</sup>. A autora propôs-se analisar três personagens da ficção brasileira do

século XX, com o objetivo de caracterizar os impasses e a problemática do intelectual na sociedade. São eles: Policarpo Quaresma, do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; Belmiro Borba, de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, e Eduardo Marciano, de *Encontro Marcado*, de Fernando Sabino. Segundo a autora, a crise de valores, que Policarpo, Belmiro e Eduardo vivenciam, metonimiza, subrepticamente, os problemas históricos reais do intelectual brasileiro.

Um outro trabalho que associa a estrutura de *O amanuense Belmiro* à sociedade brasileira é a dissertação de mestrado de Vera Márcia P.S. Vidigal Milanesi<sup>16</sup>, *Para uma interpretação de Cyro dos Anjos*, concluído em 1988<sup>17</sup>. O objetivo da autora é contribuir para uma visão mais abrangente da obra romanesca de Cyro dos Anjos, que até então estava restrita aos seus dois primeiros romances, *O amanuense Belmiro* (1937) e *Abdias* (1945), com menosprezo ou esquecimento do terceiro, *Montanha* (1956). O que ela pretende é mostrar na estruturação do universo romanesco cyriano o reflexo do conflito de forças histórico-sociais.

Segundo Vera Milanesi, as amizades de Belmiro podem ser tomadas para ilustrar a clara homologia do romance com a estrutura social. Baseando-se nas considerações de Otaíza Oliveira Romanelli<sup>18</sup>, a estudiosa afirma que a revolução de 30 caracterizou-se por ser um movimento resultante da coalizão de forças de camadas sociais muito diferentes. Não havia sequer um programa definido, apenas a vontade comum de experimentar novas formas políticas com vistas a substituir as vigentes, julgadas obsoletas. Não diferente é o grupo de amigos de Belmiro, cuja frouxidão de elos está refletida no interesse de cada um deles por um projeto individual, que não é abandonado mesmo quando entra em choque com o convívio social. Enquanto, historicamente, declara a autora, os grupos tinham em comum apenas a vontade de tomar o poder – motivada por diferentes razões -, no círculo de Belmiro o que os unia era o gosto pela literatura. Daí a fragilidade e inevitável separação entre eles. Essa separação inevitável é também semelhante à que ocorreu aos revolucionários após a tomada de poder, constata Milanesi. Assim que Getúlio se instalou no poder, a coalizão começou a desmoronar e foi justamente a instabilidade política gerada pelo conflito dos interesses das diferentes facções que caracterizou os primeiros anos do governo getuliano.

Diferente dessa modalidade mais comum de estudo que estabelece e descreve as relações entre a sociedade e o texto literário, outras quatro pesquisas acadêmicas também adotaram o critério de análise dos fatores sociais, procurando vê-los, entretanto, como agentes da estrutura de *O amanuense Belmiro*, e não apenas como enquadramento. Penetrando nas camadas mais profundas da análise crítica, os estudiosos tomaram o traço social como elemento que fundamentalmente atua na organização interna do romance, de maneira a compor o seu significado. O que antes era então dissociado, de um lado fator externo, de outro, estrutura, funde-se num bloco indissolúvel.

Exemplar no sentido de prezar pela integridade de *O amanuense Belmiro*, enquanto fusão de fator externo e interno, é a tese de doutorado de Marlene Bilenky, intitulada *A poética*

do desvio: a forma do diário em *O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*, de 1992<sup>19</sup>. Sentindo-se “tapeada”, no sentido de ser arrastada para as malhas da ficção sob a aparente e simples intenção de se tratar de um diário, a autora problematiza a forma diário do romance vislumbrando nele uma estratégia utilizada por Cyro dos Anjos para representar o difícil período do Brasil de 1935.

Segundo a estudiosa, Cyro dos Anjos viola uma das características do diário íntimo, ao se dirigir a um leitor. Sendo o diário uma escrita de conteúdo secreto, ele prescinde de interlocutor, já que a sua “presença” traria desconfianças quanto à fidedignidade do diarista, quanto à escolha dos assuntos e quanto à sinceridade ou franqueza no tratamento com os fatos.

Por outro lado, o escritor mineiro segue de perto a liberdade que caracteriza a forma diário. A variedade de temas, mudança de idéias e de comportamento, oscilando entre a razão e a imaginação, entre o fato e a meditação, entre a rapidez de um presente e a saudade de Vila Caraíbas, além de capítulos sobre os vizinhos, narrações de histórias alheias, longas divagações sobre o amigo e filósofo Silviano, que ocupa tantos outros capítulos, coaduna-se com este gênero mais livre, que tem a vantagem de se desobrigar da continuidade, facilitando o desvio de assuntos - dependem do que acontece no dia, de como está o espírito do diarista ao escrever a novidade que o dia traz -, que é recorrente na escrita deste narrador cyriano.

Aliada a esta variedade de temas, cuja conseqüência imediata é a superficialidade, está a aparente serenidade do narrador no trato com assuntos mais sérios e comprometedores, como o quadro político de 1935. Um exemplo dessa “amenização do grave”, segundo a estudiosa, é a prisão de Redelvim, assunto sério, mas que Belmiro despista, valendo-se de uma situação mais sedutora, que é falar de quão “desejável” estava Jandira quando foi avisar-lhe da prisão do amigo. Eis um modo de desviar a atenção do leitor e esconder problemas relevantes.

Uma outra estratégia utilizada é o humor, cuja intenção também é a de romper a gravidade de uma situação. Uma cena flagrante e que dá bem o tom da mescla do modo sério com o brincalhão é quando Belmiro vai preso e divide a cela com alguns “laráprios”. Ao invés de descrever a inquietação de estar sendo investigado por suposto envolvimento com a revolução - o que relata depois da soltura - dá mais importância ao significado das gírias que aprendeu na prisão.

Além de dar amenidade ao relato, o humor se presta ainda a um outro propósito, é mais um truque para o respaldo que o narrador quer dar ao seu intento: o de não se comprometer, construindo um retrato de homem “inofensivo”.

Para Marlene Bilenky, a sua prisão enforma os “silêncios” do romance. Se o diário caminha na contramão da informação, e por isso o narrador está livre para escolher a situação que convier, com as palavras que ele bem quiser, para, enfim, registrar a sua vida, no caso de Belmiro não é bem assim. A sua liberdade pessoal para o uso do diário está cerceada. Assim

como o diário de Redelvim foi lido pela polícia que procurava uma prova concreta para prendê-lo, também o de Belmiro pode ser violado. Fato que o alerta e que passa a exigir desse narrador muita atenção no que diz e na maneira como diz.

Adotar a linha do inofensivo, afirmando não possuir idéias políticas e também respeitar o regime; substituir o tom de gravidade da situação pelo tom de zombaria; a ausência de temas mais consistentes; a sua gentileza; a sua retidão de comportamento, tudo funciona como artifício para escamotear qualquer indício de suspeita sobre o seu comprometimento com a revolução. Segundo a autora, Belmiro é um homem bem comportado que escreve de modo estratégico, adequando-se ao regime de 35. Nesse sentido, o diário do amanuense mais do que uma escritura da intimidade, do segredo, do recolhimento, serve para inocentar os amigos, os suspeitos e a si mesmo.

Seguindo as pegadas de Marlene Bilenky, Fernando C. Gil<sup>20</sup>, em trabalho também de Doutorado, concluído em 1997<sup>21</sup>, sugere que no bojo dos romances de 30 surgiu um tipo específico de narrativa que ele identifica como “romance da urbanização”. Segundo o pesquisador, este romance problematiza, em diferentes níveis de sua construção formal, os impasses e as contradições da transição – sempre inconclusa – do Brasil agrário, rural, para um país em vias de urbanização e industrialização. Para tanto, valeu-se de três romances da década de 30: *Os ratos*, de Dionélio Machado; *Angústia*, de Graciliano Ramos, e *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos.

Desde as primeiras páginas do romance, Belmiro revela o seu desejo de não cuidar do presente e reviver o pequeno mundo caraibano que avulta aos seus olhos. A memória, segundo Gil, se transforma numa espécie de espaço compensatório para um presente no qual o personagem não vê mais sentido. No entanto, se o presente descortina algo estranho ao amanuense, as “imagens fugidias” também não são recuperadas no plano da memória, pois acabam por dar lugar às notas do cotidiano. Assim, os registros de Belmiro não se tornam páginas da “exumação dos tempos idos”, e sim contemporâneas, na sua grande totalidade.

Intrinsecamente ligada à questão da feição formal que tomará o texto de Belmiro Borba, subjaz a maneira pela qual o personagem percebe ou deixa de perceber os limites e a amplitude de sua experiência social. E esta experiência está centrada no conflito entre o passado rural e o presente urbano e se mostra balizada por um certo grau e tipo de tensão entre o passado e a atenção ao atual. Disto resultará, segundo o pesquisador, uma perspectiva cambiante e oscilatória no plano da prosa, cujo vetor dominante redundará num senso de incompletude que sugere nada acontecer no que é narrado: nenhuma coisa toma rumo, direção e forma definidos na narração. E é partir das contradições e dos conflitos dessa dualidade temporal firmada em duas perspectivas antagônicas, de um lado, uma perspectiva referenciada pela experiência tradicional, rural e patriarcal, de outro, pela experiência moderna, urbana e burguesa, vivida pelo sujeito-narrador, que atualiza o caráter bifronte da experiência histórica formalizada pelo romance.

O deslocamento de Belmiro de esferas sociais “tradicionais”, pouco urbanizadas, para espaços sociais supostamente mais modernos deveria ou poderia significar a sua inserção em posturas e gestos sociais - modo de ser, pensar e sentir o mundo - mais estritamente relacionados a um padrão e norma da sociedade urbano-industrial. Mas não é isso o que ocorre.

É, então, do conjunto articulado destes diferentes níveis, segundo Gil, que a forma literária do romance da urbanização engendra a tensão histórica proposta, que é a coexistência de dois Brasis. Assim como o passado coexiste com o presente, Vila Caraíbas com Belo Horizonte - consequência das diferenças histórico-temporais vividas pelo personagem - também no nosso contexto de país periférico, a nossa ligação com o novo, com o moderno, cresce e se alimenta do atraso, que assim se torna estrutural. E em lugar de se extinguir se reproduz, escondendo-se por trás da aparência do moderno.

A partir da ambigüidade estrutural apresentada que *O amanuense Belmiro* capta e estiliza ficcionalmente a percepção deste dinamismo histórico, constituindo uma projeção de seu tempo, uma vez que manifesta a complexidade perturbadora de um país marcado por conflitos e desarmonias.

Uma quinta pesquisa em torno das dimensões sociais assumidas pelo livro de Cyro dos Anjos é a investigação de doutorado de Luís Gonçalves Bueno de Camargo<sup>22</sup> que, recentemente, traçou uma história do romance de 30, partindo de um equívoco que tem dominado o debate sobre o romance de 30: a divisão entre regionalistas e intimistas. Incorporando essa divisão mais como problema do que como solução, o autor realizou uma abordagem bem ampla dessa questão, interessada numa gama extensa de obras. A partir da leitura dessas obras, Camargo procurou assinalar que a década de 30 assistiu a um movimento mais complexo do que a simples predominância do romance social, que tem sido considerado a face do período.

Assim como muitos pesquisadores que se debruçaram sobre *O amanuense Belmiro*, também Bueno desconfia do seu narrador em primeira pessoa. Segundo o autor, todas as conclusões parecem provisórias para o leitor, que não sabe se estão ali para despistá-lo ou se é confissão o que o texto efetivamente promete para o leitor. De uma coisa, no entanto, ele discorda. Para a crítica que se ocupou do livro, o conflito entre o passado e o presente, que se desdobra em um outro conflito, entre o rural e o urbano, é a problemática central. Para Bueno, apenas embuste: “é possível ler *O amanuense Belmiro* como o livro mais imerso no presente imediato que a década de 30 produziu” (2001, p.724).

Quando se olha para o período que de fato aparece registrado no romance, fica confirmado que o livro é o registro íntimo de um momento de definição na história social brasileira, na medida em que o cidadão comum encontrou uma organização – a Aliança Nacional Libertadora – através da qual pudesse integrar um movimento contra o regime Vargas e contra o integralismo.

Prova disso é que entre o Natal de 1934 e o aniversário do narrador, em 25 de agosto de 1935, o diário é escrito de forma arrastada. Além disso, são apenas 20 capítulos em oito meses - em número de páginas, somente um quarto de todo o volume do texto, assinala o autor. Já entre o aniversário e o Natal, ou seja, entre agosto e dezembro de 1935, são 53 capítulos - em número de páginas, 60% do total do livro. O romance, portanto, concentra-se nesse período que é, historicamente, o de preparação dos levantes de novembro, dos levantes propriamente ditos e de suas repercussões posteriores. Há no livro marcas dessa época.

Apenas quatro capítulos antes do Natal de 1935, por exemplo, Belmiro conversa com Redelvim, que acabara de sair da prisão. O capítulo seguinte ao do aniversário do protagonista intitula-se “Onde se apresenta um revolucionário”. Para Bueno, este capítulo faz referência à preparação dos levantes de novembro. Ao contrário então do que aparenta demonstrar – o de querer permanecer à margem dos acontecimentos políticos da época – toda essa conjuntura atinge-o de frente, tanto é que vai ser o momento em que mais intensamente escreverá.

Em última análise, declara o autor, *O amanuense Belmiro* pode ser lido como a figuração de uma impossibilidade de isolamento do intelectual. Mesmo que ele não queira, como Belmiro não quer, o presente o alcançará. É por isso que grande parte das ações do romance se passará no período de 1935, para demonstrar que os acontecimentos políticos, que tanto o horrorizavam, chegam até ele. É nessa situação de gravidade que sua roda de amigos vai definitivamente se romper e Belmiro, não por acaso, fará parte de um círculo de homens sem história: Florêncio, Carolino e seus vizinhos de bairro. Só assim consegue o apaziguamento que tanto procura, porém, incompatível com a sua atividade intelectual.

Adotando um enfoque não especificamente histórico de *O amanuense Belmiro*, como os trabalhos de Dulce Maria Viana Póvoa, Vera Márcia P.S. Vidigal Milanese, Marlene Bilenky e Luís Gonçalves Bueno de Camargo, que vislumbraram na organização interna do romance as condições sociais do Brasil de 1935, e Fernando C. Gil, o caráter bifronte da experiência histórica brasileira, Idemburgo P. Frazão Félix (1999)<sup>23</sup>, conduzido pela leitura dos gestos dos protagonistas, Aires, Policarpo Quaresma e Belmiro Borba, intuiu neles a introjeção das redes da burocracia.

Na pesquisa de Idemburgo Félix, *Burocracia como imaginação: três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras*, a burocracia não só é impedimento para que Belmiro possa posicionar-se politicamente, conforme análise de Dulce Póvoa (1983), como também se impregna nele a ponto de extrapolar os limites da mera consecução dos estatutos de pensamento e da cópia protocolar do comportamento esperado do burocrata.

Segundo o autor, o universo da burocracia não é o tema central de nenhum dos três romances, *Memorial de Aires*, *O triste fim de Policarpo Quaresma* e *O amanuense Belmiro*, porém se introjeta nos personagens e, sem precisar ser nomeada, está presente nos momentos mais fundamentais, muitas vezes na própria técnica usada pelos personagens e narradores para analisar e/ou intervir no cotidiano.

Embora ligado, de alguma maneira, à categoria dos intelectuais, o burocrata, segundo Félix, não pertence efetiva e necessariamente a ela. São copistas, escriturários, funcionários públicos e privados que, independentes da formação, trabalham com as relações hierárquicas inerentes à burocracia. Em última instância, o burocrata é aquele profissional que obedece mecânica e rotineiramente às regras impostas pelo regulamento da administração e, efetivamente, vive sob a influência da burocracia, seguindo as leis com rigidez. A eficiência do burocrata está na adaptação dos seus sentimentos e pensamentos à carreira, ou seja, na sua entrega de corpo e alma à realização de cada tarefa. Esta forma rotineira e mecânica de trabalhar é que pode contaminar os burocratas, cujas vidas e pensamentos também se burocratizam. Tal é o que ocorre com Belmiro, o personagem-narrador de *O amanuense Belmiro*, cuja visão de mundo impregna-se do comportamento estandarizado da burocracia.

Seguindo, burocraticamente, os padrões estabelecidos, Belmiro cuida das irmãs, como deveria um bom irmão; esforça-se para se preocupar com os amigos como deveria um bom companheiro; tenta, à exaustão, provar que ama como deveria fazer qualquer pessoa apaixonada; mostra que sente prazer com as mulheres como deveria acontecer com qualquer homem. Além disso, um homem correto de acordo com o padrão social; um companheiro gentil e jamais abusado de suas amigas; um cidadão cumpridor de todas as obrigações e amante do civismo e da moralidade.

Exemplar, segundo o autor, para patentear a estreita relação das atitudes do protagonista de Cyro dos Anjos com as engrenagens da burocracia, é o capítulo denominado “Carnaval”. Não se contendo em casa, Belmiro vai para a Avenida examinar os foliões que pulavam naquela noite de Carnaval. No contato com a multidão, só consegue ser o amanuense da Seção de Fomento. No meio do folguedo, está vestido como se estivesse em pleno desempenho de suas funções burocráticas na repartição: de terno, gravata, óculos.

Por conta da fantasia ser, no período carnavalesco, a garantia da inversão de papéis, da incorporação de determinado personagem - marinheiro, cowboy, baiana – é que os foliões transformam o traje cotidiano de Belmiro em fantasia de Carnaval. Apenas o personagem sabia que a fantasia, entretanto, não ocultava sua identidade. Não era uma máscara a face vista nos cordões, mas a figura monolítica de um burocrata desajeitado que, sob o efeito da folia, tentava misturar-se à massa. Tentativa vã. Belmiro é burocrático mesmo quando não está em serviço.

Ainda que estes trabalhos acadêmicos não façam referência aos artigos jornalísticos citados anteriormente, e que de antemão abordaram *O amanuense Belmiro* como um romance que, “a seu modo, participa também da realidade, do movimento, do espaço, e vai dando o seu testemunho, lá a seu jeito”, segundo João Etienne Filho (1945), é certo que constestaram a classificação unívoca do livro, que levou o seu autor a ser acusado de gratuito, de puramente literário. Paralelamente aos romances de cunho social, *O amanuense* não está isento da exploração do especificamente brasileiro.

Como poucos, Cyro dos Anjos demonstrou ter aprendido, imbuído de seu tempo e de seu país, o programa de trabalho de Machado de Assis que afirmava que o escritor pode ser “homem de seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Com isso, o crítico buscava assegurar aos autores brasileiros o direito à universalidade das matérias, por oposição ao ponto de vista “que só reconhece espírito nacional nas obras que tratem de assunto local”.

Para aquele momento, entretanto, em que vigorava uma literatura de temática ideologicamente ostensiva, esta lição não foi apreendida pela grande maioria dos críticos. O modo nada óbvio de *O amanuense Belmiro* trazer a matéria nacional – pois prescinde de marcas externas -, aliado à sua densidade psicológica, pleno de idéias e reflexões, carregado ao mesmo tempo de sentido dramático da vida e de requintado senso de humor, é que o levou a ser lido como um romance absolutamente alienado aos problemas do seu tempo.

Assim como Machado de Assis, que inscreveu as pautas da realidade nacional na sua forma literária, também Cyro dos Anjos captou, interiorizou e dramatizou a estrutura e as relações sociais do país, através de alguns dispositivos literários, como a forma-diário, a bifurcação espaço-temporal, a velocidade narrativa, apenas para citar alguns.

É óbvio que estes trabalhos acadêmicos não têm por intenção efetuar uma polarização em sentido contrário, mas assegurar que *O amanuense Belmiro* seja analisado e compreendido sob um outro ponto de vista, que não somente aquele ao qual ficou condenado por tantos anos, o de romance exclusivamente intimista.

#### Notas:

<sup>1</sup> Pesquisa realizada no Mestrado e intitulada *A estréia do amanuense: a fortuna crítica de O amanuense Belmiro em 1937*, concluída em 2000, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Sob o título de *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*, o trabalho foi publicado em livro pela Editora Annablume, em 2006.

<sup>2</sup> Segundo artigo publicado no jornal *Minas Gerais*, o romance de Cyro dos Anjos foi dado à publicidade em 14 de outubro de 1937: “Será posto hoje nas livrarias *O amanuense Belmiro*. Editado pela sociedade “Os amigos do livro”, que o intelectual Cyro dos Anjos vem dar à publicidade, será posto hoje à venda nas livrarias” (PUBLICAÇÕES. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 14 out. 1937).

<sup>3</sup> Trabalho de Doutorado, concluído em 2006, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), com o título de *As leituras de O amanuense Belmiro: da crítica jornalística à crítica universitária*.

<sup>4</sup> A primeira edição, a de 1937, recebeu a marca da Sociedade Editora Amigos do Livro, uma espécie de co-editora, com número limitado de sócios, cujas edições eram pagas pelos próprios autores. A primeira tiragem foi muito restrita, apenas mil e quinhentos exemplares, quinhentos dos quais o autor enviou para José Olympio

<sup>5</sup> O AMANUENSE Belmiro. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 14 out. 1937.

<sup>6</sup> ETIENNE FILHO, João. Literária. *O Diário*, Belo Horizonte, 28 dez. 1957.

<sup>7</sup> BRANCO, Wilson Castelo. O romance moderno em Minas – Cyro dos Anjos. *O Diário*, Belo Horizonte, 26 fev. 1943.

<sup>8</sup> BRUNO, Haroldo. Visão de um romancista. *Revista Branca*, S.L., out. 1948.

- 
- <sup>9</sup> MACHADO FILHO, Aires da Mata. Um mártir da escrita. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 17 dez. 1966. Suplemento Literário, página 1.
- <sup>10</sup> ACCIOLI, Wilson. A propósito de um romance. *Brasilidade*, Rio de Janeiro, 26 dez. 1940.
- <sup>11</sup> ETIENNE FILHO, João. Literária. *O Diário*, Belo Horizonte, 28 dez. 1957.
- <sup>12</sup> FERNANDES, Ronaldo. O amanuense revisitado. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11 dez. 1982. Suplemento Literário, p.6.
- <sup>13</sup> CANDIDO, Antonio. Estratégia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 maio 1943. Posteriormente publicado em *Brigada ligeira e outros escritos*, Editora Unesp, São Paulo, 1992.
- <sup>14</sup> CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- <sup>15</sup> PÓVOA, Dulce Maria Viana. *A consciência trágica: reflexões sobre o intelectual personagem*. 1983. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- <sup>16</sup> Trabalho posteriormente publicado pela Editora Arte & Ciência.
- <sup>17</sup> MILANESI, Vera M. P. S. V. *Para uma interpretação de Cyro dos Anjos*. 1988. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 1988.
- <sup>18</sup> ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- <sup>19</sup> BILENKY, Marlene. *A poética do desvio: a forma do diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*. 1992. 232f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- <sup>20</sup> GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. 1997. 202 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- <sup>21</sup> Também sob o título de *Romance da Urbanização*, esta pesquisa foi posteriormente transformada em livro, publicado em 1999, pela EDIPUCRS.
- <sup>22</sup> CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. *Uma História do romance brasileiro de 30*. 2001. 944 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- <sup>23</sup> FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão. *Burocracia como imaginação: três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras*. 1999. 366f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Programa da Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

Artigo recebido em 28/02/2007 e aprovado em 12/11/2007.